

# **Memória e consciência: narrativas individuais e experiências sociais (trabalhadores urbanos – costumes, práticas e valores)**

*Ana Mágnã Silva Couto\**

## **Resumo**

Este texto pretende abordar algumas questões acerca do uso das fontes orais, da memória e suas implicações nas vivências dos sujeitos, bem como discutir os significados disso na produção da pesquisa histórica. Os sujeitos desta pesquisa são trabalhadores que sobrevivem recolhendo materiais que serão destinados à reciclagem. A investigação sobre as experiências, as dimensões da vida dos catadores de papel em Uberlândia permitiram explorar as múltiplas possibilidades da cultura destes trabalhadores. Uma reflexão que pretendeu discutir a cidade que se constitui a partir das práticas sociais dos trabalhadores, de seus modos de ser e de viver. Uma cidade que é revelada por meio dos olhares, das falas, dos gestos e, fundamentalmente, de uma memória social que expressa a luta dos coletores de papel empreendida todos os dias pela sobrevivência.

**Palavras-chave:** fontes orais, memória social, trabalhadores urbanos.

Neste espaço, tento problematizar algumas questões em torno de um tema que tem sido extremamente caro aos historiadores: a memória e suas implicações nas vivências dos sujeitos. A perspectiva da memória como fato da história, como sinal de luta e processo social em andamento, tem delineado um terreno comum de diálogo entre pesquisadores e professores nos diversos programas de graduação e pós-graduação em história do país. Assim como tem contribuído para apontar nossas dificuldades em lidar com os registros oficiais, em conjunto com as fontes orais, sem desmerecer uma fonte em detrimento da outra.

Mais complicado ainda, tem sido pensar a memória de cada ser humano como um produto social e histórico, como expressão das relações sociais e conflitos intrínsecos, sem que isso, no entanto, possa disseminar o indivíduo, exterminando múltiplas possibilidades criativas. Nosso maior desafio é apreender o indivíduo como um arco de memória coletiva, as narrativas individuais como reveladoras de um horizonte de memórias possíveis, experimentado/interpretado/ressignificado quotidianamente.<sup>1</sup>

A utilização das fontes orais em nossas pesquisas<sup>2</sup> tem apontado a necessidade de se abandonar modelos prontos ou acabados no diálogo com os documentos. Ao tentar captar os significados que os sujeitos atribuem às suas experiências, procurei compreender a cultura dos catadores de papel em Uberlândia. Sentimentos manifestos em relação ao trabalho, à família, ao local de moradia, possibilitaram a percepção de sujeitos numa luta constante pela sobrevivência e melhores condições de vida.

“O principal paradoxo da história oral e das memórias é de fato que as fontes são pessoas, não documentos” (PORTELLI, 1996). Isso transforma efetivamente o exercício da pesquisa. Na lida com a fonte oral, o pesquisador participa de forma efetiva da produção das fontes. É ele quem elabora as perguntas, quem dirige a conversa, ainda que nem sempre obtenha respostas que anseia. As respostas acentuam o caráter de reciprocidade dessa fonte.

A experiência da pesquisa permitiu-me ver a fonte oral como uma alternativa extremamente criativa. O trabalho com os depoi-

mentos constitui uma experiência muito significativa, se pensarmos na perspectiva de que pessoas comuns, trabalhadores, ao falar de suas vidas e de seus sonhos, possam contar suas histórias e, ao mesmo tempo, colaborar para que sejam registradas. Neste processo, o entrevistador tem a oportunidade de entrar em contato com outras experiências e outros valores diferentes dos seus. Mais que afirmar a importância desse evento é preciso atentar para seu profundo significado, em uma sociedade como a nossa, na qual uma parcela significativa da população não tem acesso a uma educação formal, e a oralidade assume, então, um caráter político de preservação da memória dos trabalhadores que não dominam a escrita (MONTENEGRO, 1994).

Lidar com a experiência de vida das pessoas exige sensibilidade, respeito e ética. Por isso, a utilização de fontes orais assume uma dimensão significativa em todo processo da pesquisa. Embora possa estar presente no senso comum a idéia de que trabalhar com a fonte oral implica somente realizar a entrevista, algumas experiências têm mostrado que não é exatamente isso. Ao contrário, há necessidade de um diálogo constante entre a teoria e a prática. O entrevistador/pesquisador precisa estar aberto ao diálogo, a fim de rever seus pressupostos quando a realidade revela-se contraditória e à medida que surgem novas questões, novos problemas, novos sujeitos.

As reflexões elaboradas por Alistair Thomson (1997) foram referência para a compreensão do dilema enfrentado pelos pesquisadores, a forma como devem ou não utilizar as entrevistas orais realizadas. Uma das dificuldades que encontrei no processo de investigação foi a complexa relação estabelecida entre pesquisador e depoente. Não raras vezes, senti que seria complicado dar continuidade à entrevista, pois percebia que o entrevistado não queria responder ou respondia de forma evasiva, sentindo-se pouco à vontade com a questão colocada. Problemas como esses são inerentes ao exercício de lidar com a fonte oral.

O trabalho com as fontes orais colocou-me diante da necessidade de refletir acerca da experiência lembrada, dos limites e da

parcialidade do depoimento oral, características de qualquer fonte histórica. O relato de uma determinada experiência é algo subjetivo. Lembra-se daquilo que, de alguma forma, marcou, foi significativo, seja de maneira positiva ou negativa<sup>3</sup>. Dentre os fatos que são lembrados, devido ao seu grau de importância na vida da pessoa, esta seleciona aquilo que quer lembrar e o que parece ser melhor esquecer, como observa Portelli (1996). Estou compreendendo a memória como a forma pela qual as pessoas, interiorizaram o passado, associada à forma como lembram-se disso no presente, no momento da entrevista.

É preciso pensar, ainda, que as lembranças são fragmentos. À medida que ocorrem na vida das pessoas os fatos são desconexos e sem sentido. Quando elas dedicam-se aos “trabalhos da memória” (TRABALHOS DA MEMÓRIA, 1998), lembram, reelaboram e dão um sentido aos fatos. A construção de uma narrativa é histórica e culturalmente constituída. Exige uma lógica, um sentido e, conseqüentemente, leva o entrevistado a pensar, reelaborar e reorganizar sua fala, e ao mesmo tempo seus sentimentos, buscando dar a isso um sentido no presente. São elaborações da memória tratando do passado no presente, sem deixar de lado elementos de projeções e expectativas do futuro nesse presente. Quando o sujeito recorda fatos de seu passado e interpreta-os no presente, essa interpretação não diz respeito não somente ao que aconteceu, mas também à maneira como ele gostaria que tivesse sido, e isso tem um significado profundo em sua vida e em sua percepção das possibilidades existentes no futuro.

Para além da questão da lembrança como uma atitude individual, um outro aspecto muito significativo da reflexão sobre memória para que Portelli (1996) chama a atenção é a sua dimensão social. Os sujeitos, ao recordarem, lembram individualmente, mas suas lembranças estão carregadas de experiências sociais compartilhadas por outros sujeitos, uma vez que a vivência, ainda que individual, é sobretudo uma experiência social (TRABALHOS DA MEMÓRIA, 1998).

A entrevista tem se revelado um momento de reelaboração da própria experiência. A memória como recordação e lembrança é, por isso, passível de transformação. É algo dinâmico e sujeito à condição presente do indivíduo. Isso exprime a capacidade do ser humano de refletir sobre sua história pessoal<sup>4</sup> e, a cada vez, ser capaz de fazê-lo de uma maneira que lhe possibilite estar mais em paz consigo mesmo, ou não, pois as recordações, às vezes, podem ser angustiantes.

Pollak (1989) chama a atenção para o fato de que a memória hegemônica sobre a cidade não mata e não enterra outras memórias que foram enquadradas/silenciadas/soterradas. A memória constituiu-se de maneira conflitante, sendo também um espaço de disputa, de luta entre os diversos grupos sociais. A nós historiadores é imperativo perguntar: quais memórias a história que escrevemos possibilita desvendar e desenterrar?

A investigação sobre as experiências de vida e do trabalho dos catadores de papel em Uberlândia possibilitou-me uma visão da cidade na perspectiva desses trabalhadores. Uma reflexão que pretendeu discutir a cidade que se constitui a partir das práticas sociais dos trabalhadores, revelando a cidade por meio dos olhares, das falas, dos gestos e, fundamentalmente, da luta que os coletores de papel empreendem todos os dias pela sobrevivência. Como é a cidade experimentada pelos trabalhadores diariamente e como essa cidade aparece em suas memórias?

São homens, mulheres, crianças, adolescentes e velhos. Diferentes sujeitos que experimentam diferentes condições de trabalho, moradia ou grau de escolaridade<sup>5</sup>. Eu não busquei uma amostra que julgasse ser representativa da categoria, mas considerei relevante discutir que a diversidade entre os coletores de papel vai além de aspectos como gênero, faixa etária, etnia ou condições sociais e econômicas. A pesquisa estendeu-se para outras questões, como relações familiares, valores, concepções e perspectivas de vida.

Durante as conversas, gravadas ou não, com os trabalhadores, comecei a ficar mais atenta à linguagem utilizada por eles. Muitos tinham uma forma atraente de contar suas histórias, um modo ex-

tremamente vivo de se expressar. Isso me fez pensar na diversidade das origens dos catadores de papel e como a maneira de cada um falar possibilitava perceber de onde vieram. Interessante, também, observar que mesmo que estejam há vários anos na cidade os trabalhadores mais velhos trazem ainda algumas marcas dos lugares de origem. Marcas que são reveladas nas falas. É pela linguagem que os trabalhadores expressam sua heterogeneidade de experiências e de valores. A particularidade ou a singularidade dos depoimentos é um elemento fascinante do trabalho com as fontes orais. A maneira como as entrevistas diferenciam-se uma das outras – ainda que todas tenham um mesmo eixo temático como referência – é impressionante. Sem dúvida, as reelaborações dos entrevistados, assim como suas vivências, são únicas e diferenciadas. Mas, as diferenças a que me refiro possibilitam refletir como os depoimentos são reveladores de posturas, atitudes e valores dos trabalhadores.

Esta reflexão tem como pressuposto a presença dos trabalhadores no espaço urbano. Ao produzir suas relações sociais na cidade, os trabalhadores produzem a cidade. Interessa apontar suas atividades no espaço público e privado, a casa e a rua; a dimensão social desses espaços e a maneira como a luta pela sobrevivência implica também uma luta social e histórica pelo direito ao uso dos espaços da cidade.

Ao abordar algumas formas de ocupação/apropriação do espaço urbano por parte dos trabalhadores, destaco suas relações de amizade e laços de solidariedade que são estabelecidos com os companheiros de trabalho e com os vizinhos. Uma convivência social que lhes faz gostar da cidade e do bairro onde moram, apesar dos diversos problemas que enfrentam diariamente. Os costumes instituídos em uma experiência de vida e trabalho na roça são ainda cultivados na cidade pela maioria dos coletores. São práticas sociais exercidas pelos trabalhadores, que mudam a paisagem urbana e revelam muito sobre seus habitantes. O lazer, a educação e as formas de convivência dizem respeito à maneira como os trabalhadores experienciam o cotidiano no bairro em que moram, exer-

cendo significativa influência sobre o modo como concebem a vida na cidade. Os espaços de moradia são também lugares de contato social, descanso e diversão na vida dos coletores, sendo a rua um espaço para as múltiplas atividades dos trabalhadores.

A maioria dos trabalhadores entrevistados possui um baixo grau de escolaridade, talvez, devido às condições materiais existentes. Com isso, a educação formal não exerceu muita influência na vida dos coletores. Mas, é preciso estabelecer diferenças na trajetória de cada um. A faixa etária, por exemplo. Para os jovens catadores de papel, é possível que a experiência do aprendizado formal diferencie-se de alguma maneira. Alguns coletores explicam a ausência de escolaridade devido ao fato de terem crescido sem suas famílias e, por isso, sem condições ou motivação para irem à escola. Os trabalhadores que tiveram suas famílias presentes ao longo da infância e adolescência alegam que foram criados em condições de extrema pobreza.

Dizer que o baixo nível de escolaridade dos catadores de papel também seja um fator responsável pela condição em que vivem é uma afirmação complicada. Mas dizer o contrário também não é simples. A fala do Sr. Antônio Pedro possibilita-me fazer várias indagações acerca da relação trabalho e escolaridade:

Não estudei nada. Não sei de nada. Minha muié que sabe de alguma coisinha [...] É adonde eu não arrumo emprego, porque eu não tenho estudo, viu? Porque hoje prá varrê rua tem que tê estudo, né? (Antônio, 58 anos).<sup>6</sup>

Como muitos trabalhadores desempregados ou que estão trabalhando em condições precárias, o Sr. Antônio Pedro responsabiliza a si próprio por uma grave situação social que é muito mais ampla. De maneira equivocada, apropria-se de um discurso que busca justificar ou amenizar a questão do desemprego, desqualificando os trabalhadores, como se bastasse ter um bom nível de escolaridade para ter um emprego.

Tratar a questão da educação na experiência dos catadores de papel é lidar com situações contraditórias. Quando entrevistei o Sr.

Benedito, ele mostrou-me sua identidade para que eu pudesse ver seu nome completo e data de nascimento, afirmando nunca ter ido à escola, pois:

Ah, o povo do Norte, cê sabe. Lá, o povo do Norte, nem sabe o que é isso [...] na roça, né? Nunca estudei, se tivesse estudado, eu tava notro ramo, né? (risos). Graças a Deus, corage de trabaiá, eu tenho, né? (Benedito, 75 anos).<sup>7</sup>

O depoimento do Sr. Benedito demonstra, sobretudo, uma esperança de que sua vida pudesse ter sido diferente. Talvez hoje ele estivesse em melhores condições, se pudesse ter ido à escola. Mas, isso não aconteceu, e seu testemunho traduz o sentimento do trabalho como uma contingência de quem precisa sobreviver, mas que gostaria de realizar uma atividade diferente, menos cansativa e não tão precária. Esse mesmo sentimento pode ser captado na fala do Sr. Wilson:

Então aí cê tem que ficá pastando aqui dentro da cidade mesmo. Num tem outra renda, num tem outro serviço prá fazê, né? Num tem um dinheiro pro cê pô uma coisa, um buteco, um trem outro, prá você acabá de vivê o resto da sua vida. Aí, tem que ficá igual eu aí, prá baixo e prá cima. Carroça de papel. (Wilson, 56 anos).<sup>8</sup>

Discutir a escolaridade dos catadores de papel implica pensar uma situação concreta de problemas muito mais amplos. O Sr. Benedito veio de uma região do país onde a luta pela sobrevivência por parte da população é árdua e nem sempre empreendida com sucesso. São muitas as dificuldades de famílias pobres e carentes, como a do Sr. Benedito e de tantos outros trabalhadores, em manter seus filhos na escola. Há limitações como a falta de estímulo e a carência de recursos financeiros, por exemplo. Se comer e beber deixa de ser uma prática diária, estudar passa a ser muito mais que secundário, chega a ser quase supérfluo.

Para o Sr. José Moreira, as responsabilidades de ajudar no orçamento familiar também chegaram cedo e é como ele justifica o fato de não ter estudado:



Só aprendi assiná meu nome, mais nada, assim mesmo com um colega. Eu desde idade de sete ano que eu trabaió pá ajudá minha mãe. Num guentava trabaiá, eu saía cortano vassora e vendeno, [...] pu povo limpá, fazê forno de biscoito. Aí num tive tempo de estudá, [...]. (José, 49 anos).<sup>9</sup>

Um número significativo dos filhos de trabalhadores vive a experiência de começar a trabalhar logo na infância por razões diferentes e em diversas condições. Não há muita diferença entre a experiência do Sr. José Moreira e as de outros trabalhadores entrevistados. Os filhos do Sr. José estudaram um pouco mais que ele e, ainda assim, um deles trabalha com o pai:

Meus filho, só não quis estudar, porque não quis mesmo, porque eu pelejei, mas tudo sabe o nome. A fia (filha) estudou até na, acho que na 8<sup>a</sup>. (José, 49 anos).<sup>10</sup>

Sua esposa estudou um pouco mais, apesar de ele não saber dizer exatamente o quanto. Se o Sr. José Moreira nunca foi à escola, o Sr. João Batista o fez e tem boas lembranças desse período:

Estudei, mas num fiz conta de aprendê, o meu tempo foi perdido de estudo. Porque uma professora era Tia Maria de Lourdes, irmã da minha mãe, num tinha um pingó de medo dela! O dia que eu queria estudá e tudo [...] dava lição, o dia que não dava, ela me punha de castigo, eu ficava era brincano, eu gostava de brincá, né? E agora tá me fazeno farta! Mas o estudo meu, eu sei que era assim, era pôco, ia às 7, saía às 10h. E quando chegava, ia ajudá meu pai trabaiá. Meu pai toda vida, foi trabaiadô tamém. (João Batista, 58 anos).<sup>11</sup>

O modo como o Sr. João Batista recorda o tempo em que esteve na escola e os significados que atribui a essa experiência, fizeram-me pensar que se a escola realmente fosse sinônimo de possibilidades na vida dos trabalhadores mais velhos como ele, o Sr. Benedito, o Sr. Antônio Pedro, o Sr. Raimundo Rodrigues, o Sr. Orlando Caetano, o Sr. Joaquim, o Sr. Wilson e o Sr. Adejanir, ao virem para uma região onde sobreviver era um pouco menos difícil – no caso Minas Gerais – por que não estudaram? Talvez pelo fato de que a maioria dos trabalha-

dores já tinha famílias e filhos quando saiu dos lugares de origem. As prioridades, naquele contexto, eram trabalhar e conquistar um lugar para morar e criar os filhos.

Aí, eu vim prá cidade e cheguei aqui na cidade, o trem já era mais apertado também, já não deu prazo também. Eles fala: não! Leva na escola a noite. Agora di noite cê num tem força prá ir na escola. Agora levanto cinco hora da manhã, fico ocupado o dia inteiro. Porque deste negócio de catá papel, cê num para dentro de carroça. Tem lugar que dois metro pula no chão, pega um papel, anda mais dois metro pega outro prá cá. O dia inteiro pulando, pulando e entrando dentro de carroça. Puxando cavalo o dia inteiro, então é onde cê num tem prazo prá nada, né? (Wilson, 56 anos).<sup>12</sup>

Em relação à educação dos filhos, o Sr. Benedito diz:

Teve um que estudô, mas o oto num quis não, botava na escola, fugia, mas mode num estudá. E hoje eu digo: tá veno, se ocê tivesse estudado, ocê hoje era um oto home, mas num quis estudá, né? Mas, ah, uma micharia, assina o nome, né? (Benedito, 75 anos).<sup>13</sup>

Esse fato narrado denota o grau de influência que isso exerceu na educação que os catadores de papel idealizaram ou não para seus próprios filhos – como é mais comum acontecer. Cristiano é um dos filhos mais novos do Sr. Adejanir e, aos 16 anos, ainda não sabe ler. Abandonou a escola quando criança e até o momento não retornou. Segundo sua mãe, seria motivo de vergonha para Cristiano voltar à escola para cursar a 1ª série do primeiro grau junto com crianças pequenas. Embora ele pudesse estudar no período noturno – o que lhe possibilitaria também trabalhar durante o dia –, tudo leva a crer que ele não se sente motivado a voltar à escola devido às dificuldades do dia-a-dia. Mais do que as obrigações do trabalho diário – que exigem a permanência na rua até as 19:00h ou 20:00h, há um outro fator: mesmo sendo muito jovem e tendo a atividade de catar papel como provisória em sua vida, Cristiano não vê a escola como algo que lhe abra perspectivas.

É o caso de outros trabalhadores um pouco mais novos, como Éder e Alexandro, que definem a escola como uma experiência chata e sem importância. Vão para a escola e se sentem cobrados, obrigados a ir. Não vão porque querem ir ou porque acreditam ter o estudo alguma utilidade. Mas, ainda assim, afirmam que a escola é um espaço de socialização, onde podem ver os colegas e estabelecerem uma relação de amizade na qual não se sentem discriminados pela atividade que realizam.

Mas, de uma forma mais geral, na experiência dos trabalhadores, a escola como instituição cumpre uma tarefa de exclusão. Sem elementos que possam os cativar, acaba por afugentá-los do meio escolar. Tendo interrompido os estudos na 6ª série para poder trabalhar, Rafael fala que não gosta de estudar, mas, contraditoriamente observa que sua experiência na escola havia sido boa, até o momento em que foi expulso, como ele mesmo conta:

A escola, eu parei de estudá na 6ª série, pra trabaiaí [...] eu que num gosto de estudá, ruim demais, parei mais também porque fui expulso do colégio. A professora disse que eu era muito baguncento, aí a diretora me chamou e falou que ia me expulsar. Aí eu num fiz nada não, parei de estudar e até hoje, num voltei. Tem uns seis ano já, que eu parei de estudá. Ah, se eu pudê, voltá o ano que vem, pra estudá. Estudá porque ao meno, fazê até o 1º ano, né? O 1º grau, rumá um serviço, a vida agora, igual enquanto eu tô novo, vô trabaiano com ele aí, agora quando eu ficá mais véio, vô tê que arrumá um serviço melhor. Aí vô tê que tê pelo menos uma série mais boa, pá rumá um serviço bão. (Rafael, 17 anos).<sup>14</sup>

Durante a entrevista, Rafael afirmou que pretendia voltar a estudar no próximo ano, que era preciso ao menos completar o 1º grau para arranjar um trabalho melhor quando ficasse mais velho. Ele reconhecia a importância e a necessidade de voltar à escola, mesmo não gostando de estudar. Assim como uma parcela significativa da juventude brasileira, Rafael vê alguma perspectiva de melhoria nas condições de vida mediante o esforço em adquirir um maior grau de escolaridade. Mas, três anos depois, ele não voltou à

escola. Talvez porque o trabalho exigisse que ele ficasse na rua até mais tarde. Mas também, talvez porque Rafael não sinta vontade de voltar a estudar, pelo fato disto não significar uma perspectiva de transformação em sua vida. Tanto ele quanto Cristiano estão cada vez mais envolvidos com a atividade que realizam para sobreviver e com o grupo com que convivem diariamente. Será que para eles o trabalho é uma atividade provisória e momentânea? Pode ter sido, mas talvez não o seja mais e, com isso, a escola está cada vez mais longe de integrar o cotidiano desses jovens trabalhadores.

Para os coletores mais novos, as oportunidades de estudar têm sido maiores do que foram para os trabalhadores mais velhos. Mas a escola não mudou muito, enquanto instituição muito mais preocupada em reproduzir o ensino formal. Mesmo alguns projetos do governo do estado de Minas Gerais, (no sentido de melhorar os índices da educação na região)<sup>15</sup> não modificaram a perspectiva dos trabalhadores em relação à educação formal, pois devido ao desinteresse ou falta de preparo dos profissionais, não aproveitasse, no processo de aprendizagem, o saber e a experiência de alunos dos grupos sociais mais pobres.

Wilton<sup>16</sup> e seu irmão catam papel durante o dia e estudam à noite. Eles fazem a 5ª e 8ª série, respectivamente. Ao falar de seus estudos, Wilton demonstra prazer no ato de estudar e acredita que, de alguma forma, o estudo lhe dará uma chance de profissionalização e de conseguir um emprego no futuro. São trabalhadores como Wilton e seu irmão que levaram-me a perguntar qual o significado real que esses jovens catadores atribuem à escola. Se para alguns a escola nada significa, para outros tem uma dimensão diferenciada. Por outro lado, é o Sr. Benedito mesmo quem afirma que sua experiência poderia ter sido diferente, caso pudesse ter ido à escola.

O Sr. José Antônio, mesmo sendo um trabalhador que veio de uma região onde a população sobrevive em precárias condições, esteve por maior tempo na escola. Ainda assim, estudar não foi prioridade em sua vida. Ele mesmo conta:

Estudei, lá no Nordeste eu estudei até, naquela época, quando a gente, na época que eu estudava num tinha o

primário, 8ª série, estudava até a 5ª série, fazia um exame de admissão e aí já passava pro colegial. E aí eu fiz até a 5ª série, fiz o curso de admissão e aí parei. Saí de lá. Aqui nunca tive oportunidade nem vontade também de estudá, depois fui me virano com papel, num quis estudá não. (José, 45 anos).<sup>17</sup>

A fala do Sr. José Antônio fornece-me pistas para pensar o significado da escolaridade em sua experiência de vida. Tendo conseguido desenvolver uma atividade que lhe possibilitou sobreviver, a escola perdeu a importância. Mas, talvez por ter tido a oportunidade de estudar um pouco mais, o Sr. José Antônio tenha uma visão diferenciada em relação a seus filhos, que estão na escola e são motivados a estudar.

A educação formal, porém, não pode ser apontada como a única solução para os problemas enfrentados pelos catadores de papel ou pelos trabalhadores sem escolaridade em geral. O fato de os trabalhadores não terem estudado ou de não terem possuído condições de oferecer aos próprios filhos o que lhes foi negado tem um significado mais amplo, o pano de fundo de uma situação real e concreta, o descaso para com a educação pública, como consequência da negligência do Estado, de interesses das elites locais, motivadas em aumentar o contingente de desempregados – reserva de mão-de-obra barata na cidade. Essa é uma das faces do sistema capitalista, delineando questões que agravam o quadro de uma sociedade extremamente desigual, na qual, cada vez menos as pessoas podem exercer seus direitos de cidadãos. Necessidades básicas como morar, trabalhar e estudar são negadas à grande parcela da população.

Por outro lado, a atividade de catar papel exige certo conhecimento dos trabalhadores que a exercem, pois é preciso ler a balança no momento de pesar o papel. É necessário que saibam, também, quanto vale uma determinada quantia de papel em reais. Esse é um aprendizado que mesmo aqueles coletores que não foram à escola adquiriram. Em um determinado momento de sua entrevista, o Sr. Joaquim afirmou que nunca foi à escola, mas que era capaz de contar qualquer quantidade de dinheiro. Talvez por isso a educação formal

não é um elemento tão valorizado na experiência dos catadores de papel. O que aprenderam na prática do trabalho, nas freqüentes negociações e no cotidiano, é o suficiente para a subsistência, que não demanda muito mais. Para os trabalhadores, a sobrevivência tem uma dimensão maior, e não é que não queiram que seus filhos estudem, mas é preciso inseri-los logo cedo na força de trabalho, a fim de que possam ganhar a vida e ajudarem a família.

O fato é que, com ou sem a educação formal, os catadores de papel conseguiram sobreviver e garantir o mesmo em relação a seus filhos. Isso exigiu muito esforço e determinação. Além do mais, o Brasil ainda não é um país que valoriza o esforço intelectual. Raramente a universidade proporciona aos filhos de trabalhadores pobres que nela ingressam, valorização social e garantia de melhores condições de vida, como ocorre em países em que a distribuição de renda é um pouco menos injusta.

Nessa reflexão sobre a experiência social, lugares como a casa e a rua são espaços extremamente ligados às formas de convivência dos catadores de papel. Assim como o trabalho não se isola de outras esferas da vida, a casa, a rua, o trabalho e os amigos agrupam-se no tecido das relações sociais que os trabalhadores vivenciam quotidianamente. Na existência dos coletores, a organização do tempo de descanso ou de contato social é determinada pelo trabalho.

Quando questionei acerca de suas relações no bairro onde moram, imediatamente, os trabalhadores afirmaram que o relacionamento com os vizinhos era muito tranquilo. Somente no decorrer da entrevista é que essa tranquilidade foi ganhando diferentes contornos. O quintal tem grande importância para os catadores de papel, sendo também a principal motivação para os conflitos existentes entre os coletores e alguns vizinhos, devido ao papel acumulado, às carroças e aos animais. As reclamações fundamentam-se no fato de que a presença dos animais incomoda. O odor da urina dos cavalos é desagradável, assim como a sujeira que o papel possa trazer. Segundo o Sr. Adejanir, é preciso muito cuidado na limpeza dos depósitos para evitar as reclamações:

Nóis limpa tudo, sabe? Qualqué um lixo. As muié aí da rua, quase num barre a nossa porta. Que nois cabou, nois barre tudo. Comparação: Chegou uma viage de papel, nois limpa tudo, deixa tudo limpim. Tem uns tamborzão, nois junta tudo, num deixa sujeira não. Também o papel é limpo, num vem. O papel que a gente pega, é só nas loja, sabe? Só é caixa, papelão somente, num tem nada não. Cê pode ir ali, no meio ali, cê num vê um rato, num vê uma barata aí. Ele dá! Agora, se você deixar ele muito tempo amontoado aí. Mas, de oito em oito dia, num tem não. (Adejanir Luciano, 51 anos).<sup>18</sup>

Ainda que o depoimento do Sr. Adejanir queira transmitir uma determinada impressão sobre a organização do quintal e a sua sujeira ou não, essa é uma questão complicada sob vários aspectos. Os depósitos de papel constituem espaço muito interessante. São extremamente reveladores das formas de trabalhar, e, por que não dizer, do modo de morar dos coletores. A expressão “bagunça organizada” serve bem para definí-los.

Geralmente, os catadores de papel coletam variados tipos de materiais, plástico, papel, papelão, ferro, alumínio. Esses restos precisam ser selecionados para a comercialização. Então separa-se tudo e enfardam-se em sacos grandes as embalagens de produtos plásticos, as latas de alumínio e amarram-se os fardos de papelão e jornais. Tem-se um amontoado de materiais separados e também as sucatas, que dão a impressão de um monte de lixo, estragando a aparência da rua. Mas, um olhar observador pode perceber o modo como os coletores selecionam e organizam os materiais, devido à exigência para a venda. Entre a diversidade dos restos, desde um fogão velho que alguém dispensou, até uma grande quantidade de caixas de papelão, tudo é separado e organizado de uma maneira que possa ser vendido conforme seu o valor.

Por isso a necessidade dos trabalhadores terem um lugar para acumular o material coletado. Mas, no dia-a-dia, não é fácil convencer os vizinhos de que se trata de uma questão de sobrevivência. Diante dos pequenos conflitos com alguns moradores vizinhos e na expectativa de resolvê-los, o Sr. Adejanir anseia por uma solução, que seria cercar todo o seu terreno. Morador do Conjunto Li-

berdade há mais de vinte anos, ele declara ter muitos amigos, catadores de papel ou não. Irritado com os problemas decorrentes do depósito de papel em seu quintal com moradores vizinhos, o Sr. Adejanir emite a seguinte opinião acerca de seus vizinhos:

Os vizinho imprica demais, imprica demais. Deus me livre! Ah, fala que vai chamá o fiscal. Se tivé um papel na rua, vai chamá a polícia. Não quer que o papel fique aqui! Eles fala que o papel dá poeira. O papel, diz que é sujeira! Se nois tem um animal, eles imprica. Se nois tem uma galinha; como diz; pra nois comé uns ovo, eles imprica. Eles imprica! Mas também, as pessoa que imprica comigo, num tem nem onde morá. (Adejanir).<sup>19</sup>

Seu depoimento revela as dificuldades que os trabalhadores enfrentam na convivência diária com alguns moradores vizinhos. Para os coletores, manterem seus depósitos de papel e suas práticas de criar animais soltos no quintal não é uma situação pacífica, porque, no espaço urbano, tais práticas são cada vez mais incomuns e menos toleradas.

Mas não são todos os trabalhadores que precisam lidar com a hostilidade dos moradores vizinhos. O Sr. Orlando diz que, no bairro Oliveira onde mora, seus vizinhos são pessoas amigáveis e generosas. Morando somente com a esposa e sem muitos recursos, nos momentos em que precisou, pôde contar com a solidariedade e o companheirismo dos vizinhos.

Os vizinho aí tudo são meus amigo. Tudo, daqui, da onde eu morei, tudo são amigo meu. Não, é uma amizade boa. Nós brinca, caça. Precisa de um favor, eles me faz tudo. Quando eu adoeci, esse de frente aí tem carro, o Hélio, tem carro, me levou na medicina. Às vezes que eu num tinha dinheiro, comprá remédio, aviava a receita, eles comprava pra mim, depois eu pagava. São muito boa, eu num tem nada a dizê deles. São pessoas que ajuda nós demais da conta. (Orlando, 60 anos).<sup>20</sup>

Talvez por isso, quando perguntei ao Sr. Orlando se gostava do bairro onde morava, ele respondeu que sim. O bairro era bom e a cidade era boa. Mas era a um espaço específico que ele se referia.



O lugar restrito à sua convivência com essas pessoas que o ajudam, que o tratam com respeito e carinho. Mesmo quando os coletores se reportam ao bairro, geralmente, os lugares a que fazem referência são as ruas onde moram ou por onde circulam enquanto trabalham. Hoggart (1973) afirma que os trabalhadores possuem um sentimento inconsciente de comunidade, advindo da necessidade que sabem que têm uns dos outros. Aprende-se com a vida que o grupo com que se interage é importante não somente para a subsistência, mas também para que o indivíduo não viva isolado e sozinho. Longe de possuir um caráter de reforma social, a necessidade de pertencer a um grupo e de sentir-se integrado tem muito a ver com o significado da amizade, do calor humano, do afeto e da confiança que se experimenta como membro do grupo.

Mas, como conviver em grupo é, quase sempre, muito difícil, o Sr. Antônio Pedro não tem tido a mesma sorte. Durante mais de dois anos, residiu em dois cômodos nos fundos da casa de sua enteada, no bairro Liberdade. E isso foi bom, porque não precisou pagar aluguel durante esse tempo, mesmo porque ele não tinha condições para isso. O Sr. Antônio Pedro fez seu depósito de papel em um terreno em frente à casa de sua enteada. Ao acumular os materiais que recolhia nesse terreno, alguns moradores vizinhos começaram a implicar e até ameaçavam denunciá-lo ao órgão responsável da prefeitura. Mas o Sr. Antônio Pedro, não tendo outra alternativa, continuou deixando o papel no referido terreno.

No momento em que teve alguns conflitos com a enteada e precisou mudar-se, o Sr. Antônio Pedro alugou dois cômodos em uma rua no mesmo bairro. Nessa ocasião, sua enteada chamou o fiscal da prefeitura e exigiu que os materiais que o Sr. Antônio Pedro recolhia, como ferro, latas e sucatas fossem retirados do terreno da rua onde moravam. Ele teve que vender os materiais imediatamente e só poderia acumular o papel, plásticos e alumínio desde que não retivessem água, pois havia risco de atrair mosquitos transmissores de doenças.

Os moradores vizinhos ficaram indignados com a atitude da enteada do Sr. Antônio Pedro, pois, ainda que ameaçassem, ne-

nhum deles realmente havia chamado a prefeitura. O fato de isso ter sido feito pela filha de sua esposa revelou a falta de consciência e solidariedade que algumas pessoas são capazes de exprimir. Com todos os conflitos existentes, alguns moradores vizinhos expressaram sua opinião e disseram que, se era essa a alternativa que o Sr. Antônio Pedro tinha para sobreviver, era um absurdo que não pudesse exercê-la. Muitos moradores do bairro Liberdade estão acostumados a ver o Sr. Antônio Pedro empurrar seu carrinho todos os dias, subindo ou descendo a ladeira existente ao final do bairro, sempre com muita dificuldade e sofrimento. O que demonstra que, por vezes, quando se vêem diante de uma injustiça, as pessoas nem sempre se calam, principalmente em se tratando de um fato muito próximo do seu cotidiano.

Já para o Sr. Wilson, morador do bairro Lagoinha, o problema não são os vizinhos mais próximos, pois estes são companheiros e, alguns, colegas de trabalho. Os conflitos existentes são com a vizinhança que reside nos arredores e que reclama dos animais e do papel acumulado. São pessoas que, por vezes, confundem o depósito de papel com depósito de lixo, jogando o próprio lixo no mesmo local onde são acumulados os materiais. Isso é um absurdo, uma vez que depósitos de lixo propriamente ditos não existem!<sup>21</sup> O Sr. Wilson<sup>22</sup> sofre com esse problema e diz, indignado, que contribui para a limpeza da cidade, mas alguns moradores do bairro sujam a sua porta!

São conflitos que marcam a disputa por espaços na cidade: poder acumular ou não os materiais em um terreno vago, próximo de um córrego poluído; fazer ou não uso de um determinado espaço no bairro onde se reside, mesmo que o terreno não tenha um dono visível e declarado. Travam-se antagônicas relações de conflito, ou demonstram-se atitudes de solidariedade. Nas vivências dos coletores, os vizinhos podem ser amigos generosos ou inimigos implicantes e delatores. Tudo vai depender de como as relações vão se configurar em determinados momentos e espaços.

Para o Sr. João Batista<sup>23</sup> – pai de três filhos, viúvo – a companhia e a amizade dos vizinhos têm sido fundamental para ajudá-lo a superar a solidão e a angústia. Ao falar da esposa que faleceu em 1997, afirma sentir muito a falta dela. O fato de que ele não tem contato com

os pais e os irmãos há muito tempo também o entristece. Ainda que tenha vontade de rever a família, vai se conformando aos poucos em ficar sozinho.

Dessa forma, o bairro constitui-se, para os trabalhadores, um lugar de múltiplas vivências. O bairro e a rua são espaços para se trabalhar, mas também para sentar-se e conversar com os amigos. É assim que se distraem os catadores de papel, em seus raros momentos de descanso. Para o Sr. Adejanir, morador do bairro Liberdade, o quintal de sua casa, além de servir como depósito de papel, é o local onde, quase todo final de semana, ele se reúne com os amigos para o jogo de truco. Ao falar disso, demonstra satisfação. Seus amigos (colegas de trabalho ou não) são sempre bem-vindos e, em meio às crianças e aos animais de criação, como galinhas, patos e de estimação, cachorros e gatos, as pessoas sentam-se para jogar, conversar sobre o cotidiano sempre tão difícil, e por alguns poucos momentos amenizam a dureza do cotidiano.

Para o Sr. Wilson, reunir-se com os amigos em frente à casa é também uma prática comum, mesmo que não seja um hábito de quem vive no setor urbano. O grupo costuma reunir-se em frente à casa do Sr. Wilson no bairro Lagoinha. Sentam-se próximo ao papel acumulado, onde conversam horas a fio durante toda a tarde, aos domingos. Falam sobre os problemas da vida, do cotidiano, do trabalho ou mesmo do bairro. O Sr. José Moreira declara que o escasso tempo de descanso é momento também para a oração e o diálogo com os companheiros de trabalho e vizinhos:

No momento que eu vô descansá? Eu vô pra dento do meu quarto, vô orá. A hora que eu num tô orano, eu vem aqui, misturado aqui nesses lixo, sento aqui nesse lugarzim, fico aqui. Aqui é o lugá de nós, nosso lazê é aqui, é esse pedacim aqui! Que nós num tem lazê. Um banho aqui no córrego aqui, nós num pode tomá, porque o córrego tá todo infetado. (José, 49 anos).<sup>24</sup>

São vários os elementos que compõem essas vivências dos trabalhadores. A começar pelo aparente isolamento da casa do Sr. Wilson, que fica ao final de uma das últimas ruas do bairro. Como o

Sr. José Moreira lembra em sua fala, do outro lado há um córrego que é motivo de promessas de algumas administrações de que seria despoluído e que poderia ser mais uma distração. Mas, ainda está na promessa.

Os animais, as carroças e os materiais acumulados são elementos do dia-a-dia dos coletores, dos quais não se separam nem nas horas de descanso. No universo dos trabalhadores, são coisas que não se fragmentam. O Sr. Wilson tenta traduzir a solidariedade existente entre os catadores de papel:

Samo muito unido, nós dois. Samo muito unido. Esses colega do papel são muito unido, se por exemplo, eu três vila prá cá que eu vô cedo, aquele outro mais três vila prá cá, aquele outro, mais três pro outro lado, o outro tem mais três pro outro lado, um di frente prum lado, outro di frente pro outro, outro di frente pro outro, quando chega de tarde que cê encontra na rua, mais o catador de papel, num vô contra o catadô de papel, é tudo unido. Se por exemplo, se eu cato eu preciso, se aquele ali cata ele precisa, se o outro cata ele precisa também, então os catadô de papel é mais unido que os tiradô de intulho. (Wilson, 56 anos).<sup>25</sup>

É uma solidariedade restrita ao grupo em que convivem o Sr. Wilson, o Sr. João Batista, o Sr. José Moreira e outros trabalhadores, moradores do bairro Lagoinha, que se conhecem há vários anos, ou que residem no mesmo bairro, ou que realizam semelhantes atividades a fim de sobreviverem. Mas, trabalhadores como o Sr. Antônio Pedro não se mostraram tão satisfeitos com a vida e as alternativas de descanso oportunas. Para eles, todo dia é dia de trabalho e não há tempo para o ócio e o prazer.

E é assim, minha vida é assim, trabaiano dia e noite, não tem domingo, não tem feriado, não tem dia santo. Todo mundo passeia, eu não. Meu passeio é o trabaiaí. (Antônio, 58 anos).<sup>26</sup>

O Sr. Antônio Pedro narra acerca das dificuldades do seu cotidiano, e não se mostra muito animado. Nos raros momentos de descanso, vai à igreja com a esposa.

Para os catadores de papel mais jovens como Alexandro, Éder e Wilton, o fato de que catam papel, ao contrário do que se poderia pensar, não é motivo de discriminação por parte da maioria das pessoas com as quais eles convivem. No bairro onde moram, também contam com muitos amigos, com os quais saem às vezes, em alguns finais de semana. Uma outra alternativa de diversão desses trabalhadores é o jogo de futebol.

Quando questionado acerca do que faz em seu tempo livre, Rafael responde que gosta muito de assistir à televisão, a filmes de ação, comédia, karatê e terror. Mas ele prefere os filmes de karatê. Fica perturbado quando vê filmes de terror. Para Rafael, os filmes de que tanto gosta e aos quais assiste conseguem distraí-lo, quando não há nada para fazer, e alegrá-lo, quando se sente triste. Outras alternativas de diversão, em seu cotidiano, são os passeios noturnos com os amigos. Criaram o hábito de irem, aos fins de semana, a lugares onde possam dançar, beber, namorar e conversar à vontade. Rafael, Cristiano, Éder, Alexandro e os outros filhos do Sr. Adejanir, que também trabalham com a carroça, mas de maneira independente, constituem um grupo de amizade. A fala de Rafael faz-me pensar acerca do modo como esses trabalhadores estabeleceram uma identificação social no seu espaço:

Meus amigo, é tudo gente boa, né? Gente fina. O Eurípe também trabaia de carroça, aquele ali trabaia na carroça também, cata papel, o Éder. Gente fina. Tudo gente boa. Quando num tô trabaiano? Na esquina, sentado nesse toco, aqui mesmo, parado aqui, conversano, tomano cerveja. Uma hora nós sai 5 minuto, tem dia que nós sai muito, vai nos pagode. Nessa cidade, nos pagode tudo nós vai. Num sei se sábado, dia de domingo nós foi, tomá cerveja, conversano. Às veiz, eu vô lá na casa da minha vó, dia de domingo, dia de sábado. Daqui mesmo nós num saí, fica só nesse pedaço aqui ó. Difícil saí daqui. Aqui é muito bão. Esse, aqui eu acho que é um dos melhores que tem in Uberlândia, né?. Aqui é Sta Rosa. Pra lá é o Liberdade e depois vem o Esperança. (Rafael, 17 anos).<sup>27</sup>

Nesse grupo, os coletores, às vezes, realizam o trabalho juntos. Convivem muito no dia-a-dia e, nos momentos de descanso e diversão, compartilham o tempo livre. Estão habituados a ficarem conversando, sentados na esquina da rua Florianópolis, no bairro Santa Rosa/Liberdade nos sábados à tarde. Às vezes, podem ser vistos num bar na mesma rua, ou ainda em frente à casa do Sr. Adejanir. Para os catadores de papel mais jovens, como Rafael e Cristiano, essa convivência tem sido um aprendizado constante. Quando começaram a catar papel, poderiam já estar familiarizados com os animais e a carroça, mas muitos outros elementos foram sendo aprendidos no dia-a-dia, (encontrar os lugares estratégicos de coleta, conduzir a carroça nos locais mais centrais, lidar com os materiais coletados, entre outras coisas) com aqueles que já dominam o saber necessário a essa atividade, trabalhadores mais velhos e experientes, como o Sr. Adejanir.

Essa forma de convivência possibilita aos coletores mais jovens constituir um grupo de amizade e solidariedade; numa relação que talvez atenuar as dificuldades do cotidiano de trabalho árduo e difícil. Nesse grupo, que também experimenta o conflito, compartilham uma determinada vivência e talvez esses trabalhadores sintam-se muito ligados, porque compartilham, também, perspectivas de futuro semelhantes.

Acredito que os catadores de papel, ao constituírem um modo de vida muito peculiar no espaço urbano, vão também forjando novos valores e crenças a partir de suas vivências cotidianas de trabalho, das relações estabelecidas com os amigos, colegas de trabalho e vizinhos.

Discutir o universo dos trabalhadores e suas formas de convivência na cidade denota que entre catadores de papel estabelecem-se antagônicas relações de trabalho, conforme organizam suas atividades: catar papel, fazer carretos, ou remover entulhos, ainda que todos sejam trabalhadores, buscando sobreviver como podem. O Sr. Wilson, em seu depoimento, diferencia os trabalhadores conforme a atividade que realizam:

Agora o intuito é diferente. Então, eu num tem nada que queixá dos catadô de papel. Mais não tem nada que falá dos catadô de papel. (Wilson, 56 anos).<sup>28</sup>

Quando se refere aos trabalhadores que realizam outras atividades além de catar papel – como a remoção de entulho – o Sr. Wilson demonstra que as relações se diferenciam. Dos catadores de papel, ele não se queixa. Mas sim dos outros trabalhadores.

O Sr. José Moreira tenta expressar, em sua fala, os conflitos existentes entre coletores, que ora removem entulho, ora vendem esterco e ora catam papel. É uma disputa por trabalho e por espaços de atuação na cidade. Se os trabalhadores não fazem parte de um mesmo grupo, então a concorrência se dá de maneira acirrada:

Nóis ainda num tá, tá só no papel, se num achá o papel, num tem condição de fazê mais nada, porque o povo que trabaia nas casa de material de construção, trabaia lá e na rua, ganha o salário de lá e o salário que era pra gente ganhá! Essas caçamba já num dêxa, que é o do prefeito, é companhia do prefeito lá, aí já num adianta. Se nois vai tomá um carreto por 5 reais, eles acha caro. Um saco de farelo é 6, 8 real. Quê que soba pá gente comê? (José, 49 anos).<sup>29</sup>

Tornou-se mais complicado ainda quando a prefeitura autorizou a prestação de serviços das “Caçambas tira-entulhos”, que consistem em grandes containers de armazenamento de entulho. Geralmente, são instaladas em frente às construções e terrenos baldios, e são removidas por caminhões. O serviço de caçambas “surge no início dos 90 e conta hoje com aproximadamente 16 firmas de “grande porte” nesta cidade”<sup>30</sup> (MORAIS, 1999). A presença das caçambas em grande quantidade contribui para reduzir de maneira significativa as oportunidades de trabalho dos carroceiros que recorreram à atividade de coletar papel, acirrando as disputas já existentes com os catadores de papel que desempenham somente essa atividade.

As relações de trabalho estendem-se aos diversos espaços que os trabalhadores ocupam na cidade, o bairro e as ruas por onde

trafegam todos os dias. Mas, o cotidiano dos catadores de papel é marcado pelos conflitos. Alguns coletores, como o Sr. Wilson e o Sr. José Moreira reclamam da presença das crianças trabalhando com a carroça em ruas tumultuadas. Reclamam, ainda, da forma como a atividade dos meninos é usada para descaracterizar o trabalho dos adultos. Segundo o Sr. José Moreira:

Essa criançada que em vez dos pais pô pá estudá, põe na carroça e manda í trabaíá e fica quieto dento de casa. Não, num ponto eu até que eles tão certo. A gente teme porque é o serviço da gente, né? Mas eu já falei e num canso de falá, a culpa mais é essa criançada tamém, né? Por causa dos carro, que tá arriscado dá um atropelamento, mata um motorista, mata uma família, aquela criança memo e a culpa só cai nos carroceros. É carroceros! Num fala que é uma criança. Fala, é um carroceros! Igual aqui na esquina, aqui na São João aqui, o caminhão pegô esse Gerardinho aqui ó e nem deu satisfação, quebrô a carroça, rebentô o burrinho que ele tava com ele tudo, num deu num satisfação, foi imborá. Nem taí! Por quê? Carroceros num tem valor! (José, 49 anos).<sup>31</sup>

Esses trabalhadores fazem reclamações que acreditam serem pertinentes ao contexto de suas dificuldades e das pressões que sofrem no trabalho. Mas há outras questões graves na mesma proporção, por exemplo, o fato de que as crianças e adolescentes que recorrem à atividade de coleta de papel, o façam porque precisam ajudar no orçamento familiar. O que se pode perceber é que papeleiros jovens e velhos lutam por um espaço nas ruas, pela coleta do papel, pelo direito ao trabalho e à sobrevivência. Uma realidade bastante árdua para todos eles.

Alguns trabalhadores entrevistados falaram acerca de seus sonhos e expectativas. Demonstraram, sobretudo, que não querem e não esperam muito da vida. O Sr. Benedito gostaria muito de poder voltar à sua terra natal. Mas até isso é muito angustiante. O que faria ele lá para sobreviver?



É, eu queria vendê essa casa pá imhora pu Norte. Ah, mode essa muié: Que é a minha muié é de lá, só chora, fica chorano: “É, minha mãe, minha família, eu quero imhora”. Se eu vendesse, eu ia imhora mesmo pra lá. Meu único recurso que tem de í imhora, pá pagá passage é a casa, né? Outa coisa num tem, né? Tem essa égua, que vendê também 120 real. Chega lá, aposentava ela, né? Miorava mais um pouco, né? Tem hora que eu penso assim, às vez eu digo: Cê larga de sê bobo, fica quieto, vai pu Norte, [...]. Às vez tem hora que ela volta pa traiz: “Meu véio, fica quieto, deixe nós, que no Norte tá muito ruim, aqui é muito bão”. (Benedito, 75 anos).<sup>32</sup>

Para outros, talvez a realização pessoal estivesse na possibilidade de trabalharem por conta própria, o desejo de autonomia de muitos trabalhadores. Assim, para o Sr. Antônio Pedro, ser independente é um dos seus anseios.

Sô muito satisfeito com a minha vida, graças a Deus. Eu tenho meu serviço pá fazê. Se eu tivé serviço, eu tenho vontade de fazê aquele serviço. Eu tenho vontade de trabaiá. Eu tenho vontade de ser uma pessoa, que eu possa ajudá os outros. Num perco a esperança com Deus não. Eu tenho vontade deu miorá, num sê rico, não quero enricá não. Quero sê independente assim, uma pessoa que tenha uma condição de ajudá os outros. De andá, às vez ter uma condução pá mim andá né? Tenho fé, tenho fé em Deus, antes deu morrê, vou pissuí. Nada pra Deus é custoso, cê teno fé em Jesus, cê vai. Então é isso. (Antônio, 58 anos ).<sup>33</sup>

Seu depoimento, assim como os depoimentos dos outros trabalhadores, expressa valores como a solidariedade, a generosidade e um profundo desejo de sobreviver em melhores condições. Ele ajuda a constituir um grupo social comum em nosso país. São pessoas que, apesar de terem trabalhado muito em suas vidas, já estando em idade avançada, carecem da generosidade de algumas pessoas (vizinhos, parentes, colegas de trabalho ou amigos, ou mesmo estranhos) ou instituições (a igreja ou entidades beneficentes). Jamais tiveram seu trabalho valorizado. Trabalhadores mais velhos, como o Sr. Antônio Pedro, o Sr. Orlando e outros afirmam que sentem vontade de

ajudar outras pessoas. No momento presente, “os outros” são eles próprios. E por saberem do valor da generosidade é que acreditam na importância de se retribuir um dia.

Os trabalhadores não costumam refletir acerca de questões muito distantes de sua realidade, “[...] o que lhes interessa é o mundo concreto e local; aquilo que podem compreender, aquilo com que sabem lidar, e em que se podem fiar” (HOGGART, 1973). Atitudes e percepções diante das dificuldades são, sobretudo, marcadas pela tolerância. Os catadores de papel não levam muito a sério ou não se angustiam com as questões políticas locais. Assumem atitudes que beiram o ceticismo; mas isso não é gratuito. As vivências de alguns trabalhadores, no que se refere à política local, possibilitam compreender, em parte, o sentido de tais atitudes. Por serem pessoas simples, os coletores são alvo de falsas promessas de alguns políticos descomprometidos com as questões sociais, preocupados somente em defender interesses próprios. O Sr. Antônio Pedro alimenta a esperança de que, em algum momento, possa obter alguma vantagem:

Vô a aproveitá agora, na eleição, prá pedí o vereadô. Qualqué um, prefeito, que dá um terreno prá nós fazê um barraco né. Pode sê no Dom Almir, pode sê em qualqué canto, qualqué bairro, não sendo lonjão demais. (Antônio, 58 anos).<sup>34</sup>

Sua fala desvenda uma prática de cooptação de votos existente na cidade, utilizada por alguns candidatos a cargos eleitorais. Nesses momentos, são feitas inscrições para aquisição de casas ou terrenos, distribuição de cestas básicas etc.; num perverso abuso da máquina administrativa.

O Sr. Antônio Pedro referiu-se às eleições para prefeito de 1996. Seu depoimento esclarece, ainda, a relação estabelecida nessa prática: trabalhadores que prometem o voto em troca de algum benefício, e candidatos a vereadores que se apropriam do desejo dos trabalhadores de terem um lugar para morar, a fim de se elegerem. Acredito que não seja dessa forma que os trabalhadores dese-

jam obter a casa própria, mas é uma situação que serve para visualizar alguns aspectos das contraditórias relações estabelecidas por esses catadores de papel na cidade. Os trabalhadores sabem que são esses os raros momentos em que podem conseguir algum benefício do poder público local e, ainda que compactuem para que tais práticas tenham continuidade, não são todos que, como o Sr. Wilson, têm clareza disso:

Injustiça tem, por causa que. O problema é esse. Se coincidiu tempo da eleição, miora prá todo mundo que tempo da eleição, eu num tenho nada que queixá do tempo da eleição o cara que meu voto, ele vem aqui: Oh! Cê vai votá prá mim, lá [...] Ó rapaz, [...] eu tô sem uma roupa, um calçado, prá votá prô cê lá. "Não, que isso rapaiz?" (Wilson, 56 anos).<sup>35</sup>

O depoimento do Sr. Wilson permite-me explorar a idéia de que alguns catadores de papel, ainda que estejam acostumados com a prática de falsas promessas em troca de votos, possuem certa consciência dessas relações e sentem-se bastante desiludidos e, de certa maneira, indignados com isso. Talvez porque, embora, lidem com situações assim, os trabalhadores sabem que qualquer aquisição material é sempre fruto de muito esforço e trabalho. Os catadores de papel que possuem um lugar para morar que lhes pertença, têm isso com bastante clareza. Nas experiências dos trabalhadores mais velhos, ter uma casa, um espaço para abrigar a família foi resultado de uma difícil luta.

Os depoimentos transmitem o quanto foi significativo para esses trabalhadores terem obtido sua casa própria. Ser dono de sua própria casa, ter onde morar, está associado ao reconhecimento da própria dignidade e valorização. Mais que isso, para grande parte dos coletores entrevistados, o fato de serem proprietários de suas casas é o que os coloca numa situação de inserção num determinado grupo. Aqueles que adquiriram uma casa para morar, que são moradores da cidade, trabalhadores e cidadãos, não se sentem-se marginalizados, uma vez que a casa é o espaço privado para resguardar a família e receber os amigos.

A moradia, na experiência dos catadores de papel, denota uma relação de pertencimento à cidade, constituindo também um lugar para a organização de modos de sobrevivência alternativos no espaço urbano. A diversidade de funções do espaço de moradia demonstra que os trabalhadores, em sua vida social, possuem seu lugar na cidade. Importante ressaltar que, na maioria das famílias dos coletores entrevistados, todos os membros trabalham, seja na coleta de papel ou em outras atividades. Somente a atividade como catador de papel não garante o sustento da família e, menos ainda, resolve o problema da moradia.

Nas vivências dos catadores de papel, a casa e a rua estão, de certa maneira, muito imbricadas. A rua é o espaço do trabalho que se estende até a casa. Os depósitos de papel exigem cuidados e limpeza, os materiais precisam ser separados e organizados. Mesmo em momentos reservados ao descanso, é preciso cuidar das plantas e dos animais. Consertar uma cerca ou capinar um quintal são atividades a serem realizadas nos fins de semana. E o fato de que a casa é também espaço do trabalho traduz a idéia de que as famílias, quase sempre, estão envolvidas nas atividades realizada pelos coletores. Pela maneira como organizam suas moradias, cultivando hortaliças ou criando animais, os catadores de papel revelam seus valores e sua maneira de conceber as relações sociais. Essas práticas por parte dos coletores indicam vestígios de vivências anteriores no campo. Muitos trabalhadores cresceram na roça ou, então, trabalharam no campo quando adultos. O Sr. Orlando, o Sr. Antônio Pedro e o Sr. Benedito residiram em muitos lugares, trabalhando na colheita de alimentos ou mesmo prestando serviço em propriedade de alguém. Verifica-se que, quando por diversas razões decidem morar na cidade, os trabalhadores não abdicam de práticas sociais cultivadas no campo. Práticas como criar animais, cultivar hortaliças são mantidas para ajudar na sobrevivência da família e também para caracterizar e definir o espaço com peculiaridades do morador.

Exemplo de uma outra forma de ocupar o espaço urbano é o Lagoinha, um dos bairros de Uberlândia onde existe uma quantidade significativa de trabalhadores que se utilizam de carroças no

exercício de seu trabalho. O que explicaria essa incidência de carroceiros no bairro Lagoinha? Uma explicação dada pelo Sr. Wilson é o fato de que o bairro localiza-se nas proximidades da Av. João Naves de Ávila, onde existem muitas lojas de materiais de construção e isso significou, durante algum tempo, uma possibilidade de emprego para os trabalhadores.<sup>36</sup>

Uma outra explicação para a presença marcante desse segmento de trabalhadores no bairro Lagoinha é a sua origem, a partir de uma ocupação. Na década de 80, houve um aumento significativo das favelas na cidade. A história do bairro e de sua formação remonta um contexto em que “havia mais de 2.554 pessoas vivendo em favelas em diversos bairros da cidade” (SOARES, 1998). A “favela da Lobeira,” como foi denominada no início, surgiu nesse mesmo período. Durante a administração Zaire Rezende,<sup>37</sup> implementou-se uma política de assistência aos moradores das ocupações. Com isso, essas pessoas foram transferidas para 18 bairros, entre eles Tocantins, Parque São Jorge, Esperança e Leão XIII, que é hoje o bairro Lagoinha<sup>38</sup>.

Um cadastramento realizado pelo Centro de Defesa dos Direitos Humanos da Diocese de Uberlândia, ao final dos anos 80, revelou que “dentre as profissões dos moradores, as que mais se destacavam eram as de pedreiro, seguida da de vigilante, lavrador e carroceiro (PEREZ, 1990). Talvez por isso, ainda hoje, os trabalhadores e suas carroças tenham uma presença marcante naquele espaço, com suas casas simples, sem muro, as árvores, os animais nos pastos, as cercas de arame. É uma outra cidade que se desvenda quando começo a descer as ruas do bairro Lagoinha, em direção à casa do Sr. Wilson, do Sr. José Moreira ou do Sr. João Batista, moradores do bairro.

Com o crescimento da cidade, o bairro Lagoinha não é mais um bairro periférico. Localizado no setor Leste, a poucos metros do centro da cidade, próximo à universidade, com a construção de novos prédios nas imediações, os terrenos do bairro têm se tornado, cada vez mais visados pelos especuladores do mercado imobiliário. Ainda que seja um espaço desvalorizado socialmente, devido à presença dos trabalhadores, o bairro possui áreas estratégicas de loca-

lização na cidade. A presença dos trabalhadores, suas casas, carroças e animais, e, sobretudo, o que isso revela, é um incômodo para o poder público e para os setores interessados em obter lucros com a especulação imobiliária em Uberlândia.

O bairro Lagoinha é muito apropriado para se perceberem as peculiaridades do modo de vida dos coletores e como são suas casas e quintais. Ao andar pelo bairro, é muito fácil notar se num determinado local reside um catador de papel. Basta observar se há algum cavalo, carroça e mesmo outros animais. A maioria dos trabalhadores criam galinhas, patos e até porcos nos quintais de suas casas. Há ainda os animais domésticos de estimação, como gatos e cachorros, sempre em grande quantidade. Evidentemente, também há pilhas de papel, grande quantidade de papelão e outros materiais como plástico, ferro e o que mais eles julgarem ser útil e passível de venda. As formas de se organizar a casa e o quintal, tão comuns aos coletores, são, ao mesmo tempo, reveladoras de um modo de vida, de um jeito de ser e de ver o mundo.

Ah, num tem o que falá de Uberlândia não, graças a Deus. Uberlândia é muito bom! Num há lugar melhor não. Porque todo mundo aqui é caridoso, né? Tem dó, né? Ni outra cidade ninguém, cê chega, sai assim pum canto, por aí Às veiz, eu sai catano papel, o povo já me conhece muito tempo aqui, chega: Ô Benedito, cê tá com fome? Digo: tô. Cê qué um prato de comê? E nouto canto, num tem, ninguém acha isso não. Num tem o que falá de Uberlândia. Uberlândia é um lugá muito bom pá pobreza. (Benedito, 75 anos).<sup>39</sup>

O depoimento do Sr. Benedito expressa aspectos das relações que os trabalhadores estabelecem na cidade. O que é um lugar bom para o pobre? Um lugar onde o pobre seja assistido? Onde a generosidade das pessoas não o deixe morrer de fome? O Sr. Benedito não está sendo irônico, no momento em que afirma: "Uberlândia é um lugá muito bom pá pobreza". Para ele, a caridade é um valor e é também a marca das relações sociais em Uberlândia. Sua fala diz muito a respeito do que pensa acerca das relações entre pobres e

ricos. Talvez seja um fator da cultura dos trabalhadores, que demonstra<sup>40</sup> em que medida acreditam que as diferenças de classe podem ser atenuadas com a bondade dos ricos. Será uma forte crença de que cabe a quem muito tem dar algo a quem nada tem? Será que a cultura do Sr. Benedito e de muitos outros trabalhadores é mediada pela expectativa da generosidade dos ricos como uma alternativa para o sofrimento vivenciado pelos pobres? Mais do que a esperança na bondade, tem-se a fé de que os ricos precisam ser misericordiosos e serão, não há necessidade de esmolar, pedir ou exigir/reivindicar:

As revoltas não são necessariamente prestigiadas na cultura dos pobres. Podem provocar os deuses (que já mandaram a escassez como “castigo”) e podem certamente indispor os governantes ou os ricos, os únicos de quem poderia vir algum auxílio. (THOMPSON, 1998, p. 152).

Atitudes como a crença e a espera dos trabalhadores pela generosidade dos ricos podem ser definidas como acomodações à realidade. Mas é preciso entender os significados de tais sentimentos na cultura e no modo de vida dos sujeitos. A cidade é marcadamente caridosa na fala do Sr. Benedito. Esse depoimento específico não diz muito mais sobre a cidade, além de ser uma cidade onde o povo é caridoso. Em outro momento da entrevista, ao falar sobre o bairro onde mora e as mudanças ocorridas nesse espaço, nos últimos anos, o Sr. Benedito afirma:

Num mudô nada, que aqui tudo é pobre. Aqui num tem nenhum rico, tudo é pobre! Não, aqui num miorou nada, aqui, nós já pelejô pá fazê esse asfalto aí, num fizero. Pelejô com a prefeitura. (Benedito, 75 anos).<sup>41</sup>

Essa fala permite-me a interpretação de que o Sr. Benedito tece uma crítica à cidade caridosa e se contradiz em relação à afirmação anterior. Mas talvez não, pois ele, ao falar do seu bairro e do asfalto tão necessário e esperado há tanto tempo, está se referindo à relação com o poder público local. “A prefeitura” que não ouve os pobres, que ignora suas reclamações e suas necessidades. O Sr. Bene-

dito não está falando das pessoas com as quais ele convive diariamente, que o vêem trabalhando na rua, pois essas são solidárias com a sua luta e, de alguma maneira, o ajudam. São relações diferenciadas, os vizinhos, as pessoas do bairro, das proximidades, o poder público e sua forma de administrar a cidade e atender (ou não) às necessidades dos trabalhadores.

Houve um período em que o Sr. José Antônio e o Sr. Joaquim faziam sua refeição do horário do almoço no salão da igreja Nossa Sra. Aparecida. O Padre Osley e uma equipe de voluntários serviam almoço para os trabalhadores e também para grupos de pessoas que necessitassem. Mas parte da população do bairro começou a reclamar que a assistência oferecida pela igreja estimulava a presença de mendigos e, conseqüentemente, a possibilidade de assaltos na praça. Houve um intenso debate sobre se a igreja deveria continuar ou não a servir as refeições. A população dividiu-se entre aqueles que eram contra e aqueles que eram a favor. A imprensa também teve sua participação no debate, como se pode ver no texto a seguir:

IGREJA ALIMENTA POBRES: Os moradores do bairro Aparecida chegaram a pedir um posto de policiamento 24h, com medo destas pessoas que fazem suas refeições na cantina da igreja. Todavia, padre Osley classifica a questão como sendo absurda e explica que 90% destas pessoas que comem aqui são sub-empregados. Será que não dá para perceber que são eles que limpam a cidade que todos sujam! (O TRIÂNGULO, 1997).

Na primeira página desse jornal, o editorial afirma:

A mendicância está nas ruas, praças e avenidas da cidade, praticamente em toda sua extensão. É certamente o preço do progresso ao qual a cidade se viu, ao longo dos anos. Longe de ser um Eldorado, ou mesmo a Terra Prometida, Uberlândia se viu envolta em um problema, com o qual não vem sabendo conviver e muito menos lidar. (O TRIÂNGULO, 1997).



O conteúdo do texto contribui para reforçar determinadas atitudes de uma parcela da população. Primeiramente, a idéia de responsabilizar as pessoas que se alimentavam na igreja por atos de violência ocorridos no local, como os assaltos na praça ou mesmo no banheiro público. Posso estar equivocada, mas a parcela da população auxiliada pela igreja, que “habitava” a praça, não poderia cometer atos de violência como esses, pois isso tornaria inviável sua permanência no local.

Ainda, em um primeiro momento, antes de transmitir a fala do Pe. Osley, é possível observar o modo como o jornal tenta homogeneizar o grupo de pessoas que procuravam alimento na igreja, ao definir todos como parte da “mendicância que está dominando a cidade”. Isso contribuiu para que a atitude do padre, e de alguns membros da comunidade, fosse esvaziada de seu conteúdo de solidariedade para com os necessitados e sub-empregados, como afirmou o Pe. Osley, ou com os trabalhadores, como eu prefiro denominá-los – o Sr. Joaquim e o Sr. José Antônio para quem a oportunidade de fazer a refeição na igreja era de grande valia.

E mesmo que, ao final os trabalhadores tenham perdido a oportunidade de se alimentar na igreja na hora do almoço, esse havia sido um momento significativo de discussão acerca das questões sociais na cidade. Essa situação não deixa de ser, ainda, um interessante elemento para se pensar, de forma concreta, as disputas pelo direito ao uso dos espaços na cidade.

Nessa reflexão acerca da cidade como um espaço para a manifestação da caridade dos indivíduos ou entidades, é preciso considerar uma outra questão. O depoimento do Sr. José Moreira, sobre a ajuda que recebeu da “assistência e de alguns padres” na favela, serve para demonstrar como, num determinado contexto na história da cidade – na luta dos trabalhadores pela conquista da moradia – o assistencialismo e a ajuda da Igreja foram de significativa importância. Sozinhos, isolados, a conquista da moradia foi se tornando cada vez mais difícil, uma situação que leva os trabalhadores à exclusão e impossibilita a constituição de um espaço social que lhes pertença, com o qual se identifiquem. A maioria dos coletores

entrevistados reconheceram a importância de elementos como a “assistência social e de alguns padres” em suas lutas por moradia, no contexto da década de 1980 em Uberlândia.

Outro ângulo a ser analisado é a questão da saúde, pois o trabalho realizado é bastante árduo e cansativo, e para os trabalhadores mais velhos, é preciso muito esforço físico. Quando os coletores machucam-se no exercício do trabalho e quando eles ou seus familiares adoecem, que recursos possuem? A que ou a quem podem apelar? As condições de saúde dos catadores de papel entrevistados são analisadas com o intuito de se refletir acerca disso.

Dentre os problemas inerentes à atividade de catar papel, há ainda, o caráter insalubre de um trabalho que exige andar pelas ruas, puxando ou empurrando um carrinho, sem ter condições de olhar onde se está pisando. Há a possibilidade de se machucar acidentalmente. Foi o que ocorreu com o Sr. Antônio Pedro que, em 1996, chegando em sua casa, ao final da tarde, sofreu um pequeno acidente com resultados desastrosos:

Foi aqui, nessa rua aqui, nessa primeira aqui. Eu vinha carregado e tinha um trôço. Hã, uma garrafa de casco né? Assim, amassada e eu num vi o, havia muito menino, muito alto e eu num vi e eu pisei nela. No pisá, ela rolou né? Rolou e eu fui. Eu fui e caí em riba tamém, do pé né? Foi intê o irmão dele foi buscá a carroça, que ele mora ali. Que eu gritei, cheguei, já vei inchado. (Antônio, 58 anos).<sup>42</sup>

O fato narrado pelo Sr. Antônio Pedro deixa clara a precariedade do trabalho dos coletores e o esforço físico de se ter que andar longas distâncias carregando peso durante várias horas. Essas são dificuldades muito maiores para os trabalhadores mais velhos como o próprio Sr. Antônio Pedro, o Sr. Raimundo, o Sr. Orlando e outros. Para esses trabalhadores, a necessidade de remédios é constante. Não somente para eles próprios, como também para pessoas da família. Com o pouco que ganham para sobreviver, adquirir os medicamentos para os diversos problemas de saúde decorrentes da idade avançada é sempre uma grande dificuldade.

O Sr. Antônio Pedro conta a alternativa encontrada para tratar do problema de saúde decorrido do referido acidente:

Daí com, ela deu banho [a esposa]. Ficou, eu travaiano! Vai um dia, eu piorei, aí chamei aquela mulher lá nos UAI. Não, primeiro UAI né? Aí, mas era dia, já num atendia. Que era parece Ano Novo num é? Fui lá prá Medicina. Medicina tirou chapa, quebrado. (Antônio, 58 anos).<sup>43</sup>

Seu depoimento expõe que, primeiramente, ele tentou uma forma de se curar em casa mesmo, com sua esposa banhando o pé dele com alguma planta caseira. Durante todo o tempo em que o Sr. Antônio Pedro tentou se tratar, ele também continuou trabalhando, pois não poderia parar de trabalhar somente porque seu pé estava machucado. Depois de ir ao médico, o Sr. Antônio Pedro trabalhou durante alguns meses, andando e empurrando seu carrinho e arrastando o pé. Mas, seu ferimento não era tão simples e ele piorou. Teve que recorrer ao atendimento na UAI mais próxima de sua casa.

As UAIs são micro unidades de atendimento médico, que foram sendo instaladas gradativamente nas duas últimas administrações.<sup>44</sup> Antes disso, foram promessas de campanhas políticas em vários pleitos eleitorais. Foram feitos altos investimentos na construção dos prédios, que são mais sofisticados do que seria necessário. Localizadas nos bairros Planalto, Tibery, Presidente Roosevelt, Pampulha e Luizote de Freitas, essas unidades atendem a um número bastante inferior à demanda existente. Declaro por experiência própria que o atendimento à população é feito com certa precariedade, devido à falta de recursos técnicos e humanos, em função da ausência de investimentos. A saúde pública não tem sido prioridade nos orçamentos públicos municipais desde a década de 1990.

O Sr. Antônio Pedro não foi feliz ao procurar o hospital em dia de feriado. Não tendo sido atendido na UAI, foi encaminhado ao Hospital de Clínicas da Universidade Federal, onde lhe deram o atendimento necessário. Uma parcela significativa da população de

Uberlândia, assim como dos municípios vizinhos, recorre ao atendimento de saúde, do Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia. Um hospital-escola que também não possui estrutura para atender a toda a população e que, ainda assim, tem sido cada vez mais precarizado pelo governo federal, destinando-lhe verbas cada vez menores.

Os catadores de papel, sempre que necessitam, recorrem ao atendimento nas UAI's ou na "medicina", (como é conhecido pela população o hospital). A maioria das pessoas reclamam do atendimento nesses locais e não sem razão. Embora, alguns trabalhadores entrevistados afirmem que, em momentos de necessidade, foram bem tratados. É o Sr. José Antônio quem diz:

Ah, antigamente a gente levava nos postinho ou na medicina né? Agora tem as Uai. Tem essa Uai aqui perto. E depois compra remédio. Quando às vezes é, passa o remédio que tem nas farmácia da Uai mesmo, a gente pega lá. Quando num tem a gente vai na farmácia e compra. A farmácia aí, tem conta lá né? Compra lá, graças a Deus nunca teve problema mais grave não. A Daniela aqui, ela já deu, quando ela era criancinha de um ano e meio, ela furou o tímpano dela né? Com uma haste de um cotonete. Só que na época num podia fazê a operação pá reconstituí o tímpano, aí a médica disse que só depois que ela fizesse nove anos. Quando ela fez nove ano a gente levô na medicina e operô né? Nós num gastamo nada, tudo foi lá na medicina. (José).<sup>45</sup>

Quando perguntei ao Sr. José Antônio qual era sua opinião sobre a saúde pública em Uberlândia, ele respondeu-me que "boa, muito boa, realmente não era, mas também não era ruim de tudo". Segundo o Sr. José Antônio, houve um tempo em que as coisas eram muito mais difíceis para a população pobre e que, hoje, ele acreditava ser mais fácil.

Outros trabalhadores como o Sr. Benedito, de certa maneira, também compartilham dessa opinião. Depois de ter trabalhado em diversos lugares, como Brasília, Goiás e algumas cidades do interior de Minas Gerais, ao perder o emprego e a saúde, veio para Uberlândia

com a perspectiva de tratar-se na “medicina”. Tendo sido esse um dos fatores decisivos para sua vinda.

Tinha a medicina aí, aí eu digo: Vô pra lá, aí já tinha a fia que morava aí. Eu morava no Canal, aí adoeci, aí eu digo: Tá ruim! Aí, aí pá Medicina, aí eu tratei, fiquei uns cinco meis internado aqui no hospital. E pensei que eu ia morrê! Eu digo: Vô morrê. Mas Deus me ajudô que eu sarei, tô até hoje. Graças a Deus, num tem o que falá não. Pelo meno, quem tratô de mim, graças a Deus, me tratô bem. Fui muito bem recebido, graças a Deus, té hoje. Às veiz tem hora, dispois que eu vim de lá, eu tratei, já, doeci duas veiz, já fui lá, fui bem atendido, que a minha ficha tá lá direto, né? Graças a Deus, que às veiz adocece que às veiz pá gente que é pobre, é, num tem jeito toda hora, num tem dinheiro, né? E, agora sempre que o meu camim vai lá tem atendido tudo. (Benedito, 75 anos).<sup>46</sup>

O Sr. Benedito já é um homem idoso e, assim como uma parcela considerável da população da cidade, veio de uma região do país onde a maioria da população sobrevive na mais extrema miséria. Talvez esse seja um dos fatos que influenciam esses trabalhadores. A saúde pública em Uberlândia deixa muito a desejar, mas, nos lugares de origem de alguns catadores de papel, a vida era muito pior. O hospital só existe a muitos quilômetros de distância e as crianças morrem por doenças simples, quando não de desnutrição e fome. O Sr. Benedito veio de Mossoró no Rio Grande Norte. Ao falar de sua terra, conta a seguinte história:

Houve dez, né? [filhos] Eu tem dois aí. Morreu, os pequeno, era pequeno. Por todo canto. Que eu saí do Norte, tava ruim, uma seca danada, né? Eu digo: Ah, vô caí fora, digo: saí com três fio, os três fio que veio de lá, só tem um, escapou só um, que é casado. Os dois moço se num tivesse morrido, ia casá, Tinha uma fia, que era dois, com uma fia, a fia morreu.<sup>47</sup>

O Sr. José Moreira logo que chegou a Uberlândia também recorreu ao hospital público:

Meu fio nasceu aqui. Nasceu miudim, de tanto sofrê lá na minha terra, que lá é uma tristeza! Aqui ele foi pra medicina, ganhô trato, ficô lá na incubadora, a muié foi operada aqui, tudo aqui.<sup>48</sup>

Ele é mais um trabalhador que atribui méritos à cidade, em função da existência do hospital público. Mas, infelizmente, na década de 1990, os políticos que estiveram à frente da administração da cidade não consideraram que a saúde pública fosse digna de atenção e, principalmente, um setor que necessitasse urgentemente de investimentos e recursos. Falas em torno da importância do crescimento econômico da cidade são constantes nas propagandas (que, aliás, são excessivas e caras) dos últimos prefeitos.<sup>50</sup> Mas não há referências sobre de que maneira esse crescimento econômico poderia se converter em benefício para a população pobre da cidade. As conseqüências decorrentes do crescimento desordenado da cidade são analisadas por Simonini (1994).

A forma utilizada para levar a industrialização ao auge foi, também, causa de seu declínio, pois gerou fortes desequilíbrios na economia, que continuam até hoje, gerando graves problemas sociais, como a fome, a falta de condições mínimas de saneamento, habitação, educação precária, saúde pública sucateada, enfim, fazendo com que grande parte da população viva na miséria. (SIMONINI, 1994, p. 14)<sup>49</sup>.

Assim, é possível compreender porquê o Hospital de Clínicas da UFU, em meio a toda precariedade, é elogiado pelos coletores que, por várias razões, buscaram atendimento. Porque nos momentos em que precisaram muito, os trabalhadores tiveram aonde recorrer. Mas eles sabem que a saúde pública na cidade é deficiente e precária, e como esse é um problema "ignorado" pelo poder público. Os catadores de papel sabem disso, pois experimentam, no dia-a-dia, as reais condições de atendimento que os hospitais do Sistema Único de Saúde oferecem às classes populares em Uberlândia.

Enfim, busquei discutir aqui vários aspectos que norteiam a vida dos trabalhadores nos espaços da cidade: a casa, o bairro e a

rua. Suas casas revelam a ocupação, a origem e muitas de suas práticas cotidianas. A presença dos coletores de papel em Uberlândia não pode ser ignorada, pois suas ações mudam os contornos da paisagem social.

Todas estas questões remetem-nos à reflexão sobre os modos de viver e interpretar dos sujeitos. Experiências sociais que expressam muito acerca da luta, desigualdade e conflitos impressos nas relações sociais experimentadas por trabalhadores urbanos na maioria das cidades deste país.

## Notas

\* Doutoranda em História, Programa de Estudos Pós-Graduados em História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, linha de pesquisa – Cultura e Cidade, sob a orientação da Professora Dra. Yara Aun Khoury.

<sup>1</sup>. Essas e outras questões foram tema de um interessante ciclo de debates do qual participei, e que contou com a presença do Professor Alessandro Portelli. Suas discussões têm dado significativas contribuições, sendo referência para muitos historiadores envolvidos e preocupados com o significado e implicações do uso de fontes orais na pesquisa histórica. Curso de atualização com o Professor Alessandro Portelli, “A palavra em movimento: o significado da entrevista para a história social”.

<sup>2</sup>. Esse texto foi inspirado na dissertação de Mestrado “Trabalho, cotidiano e sobrevivência: catadores de papel e seus modos de vida na cidade – Uberlândia 1970-1999”, orientada pela Professora Dra. Déa Ribeiro Fenelon.

<sup>3</sup>. Sobre o debate acerca da seletividade da memória, ver Thompson (1998).

<sup>4</sup>. Quando refletimos acerca da habilidade dos seres humanos de reorganizar na própria memória, tempo, pessoas e fatos, buscando um sentido, elaborando uma visão de mundo, podemos pensar também que esta capacidade de interpretação, de atribuição de um sentido de passado, torna a todos nós um pouco historiadores.

<sup>5</sup>. A diversidade também se faz presente nas condições de moradia, trabalho, lazer, religiosidade, perspectivas e modos de vida.

<sup>6</sup>. Antônio Pedro da Conceição, 58 anos, natural da Região Norte do país, casado, não teve filhos. Reside com a esposa em dois cômodos construídos nos fundos da casa da enteada. Conta que veio para Ituiutaba (MG) no “pau-de-arara”. Se tivesse um lugar para morar que lhe pertencesse, não cataria papel e se sentiria mais “libertado”. Entrevista realizada em 31 de outubro de 1995.

<sup>7</sup>. Benedito Francisco Queiroz, 75 anos, natural da região do Rio Grande do Norte. Reside com a esposa, filhos e netos em casa própria. Afirma que, às vezes, tem vontade de se comunicar com a família no local de origem, pensa que talvez possa fazer isso através do rádio. Seu sonho era ter mais saúde para que pudesse trabalhar em diferentes e melhores condições. Entrevista realizada em 27 de Abril de 1997.

<sup>8</sup>. Wilson Pereira de Jesus, 56 anos, natural de Uberlândia (MG), casado. Antes de começar a catar papel, trabalhou como servente de pedreiro. Quando criança, morou na roça com os pais que, assim como um dos irmãos, hoje são falecidos. Reside com a esposa e os quatro filhos em uma casa no Bairro Lagoinha. Trabalha com a carroça coletando papel ou prestando serviços como tirar entulho por exemplo. Afirma que devido à grande quantidade de coletores na cidade, os materiais estão cada vez mais escassos e menos valorizados, pois o valor do quilo de papel foi muito reduzido. Tem problemas com alguns

vizinhos que jogam lixo em seu quintal. Acredita que com o seu trabalho contribui para a limpeza da cidade. Seu sonho é ter um lugar onde pudesse plantar e criar alguns animais. Entrevista realizada em 29 de junho de 1997.

<sup>9</sup>. José Moreira da Cunha, 49 anos, natural de Santa Maria do Suaçuí-MG, casado, reside em Uberlândia há 12 anos. Veio para trabalhar no setor de construção civil. Trabalhou também em Governador Valadares (MG) na Companhia Acesita. Trabalha com a carroça coletando papel ou fazendo outros serviços há 8 anos. Questionado pelos motivos que o levaram a catar papel, afirma ter sido o desemprego. Devido às dificuldades que enfrenta quotidianamente, o modo como é tratado por algumas pessoas na rua o faz sentir-se discriminado por seu trabalho. Entrevista realizada em 29 de junho de 1997.

<sup>10</sup>. Idem.

<sup>11</sup>. João Batista do Nascimento, 58 anos, natural de alguma cidade do Estado do Ceará. Veio para Minas Gerais há quase 20 anos. Morou em várias cidades, Estrela do Sul, Monte Carmelo, Cumari, Santa Fé, antes de vir para Uberlândia. Casou-se duas vezes, mas ficou viúvo em 1997. Tem 3 filhos. Em sua região de origem, trabalhou em uma fábrica de tecido, em um engenho, em lavouras e em criação de animais. Morou em uma ocupação na Avenida Rondon Pacheco, na administração Zaire Rezende (1983-1988) e foi nessa época que adquiriu a casa onde mora no Bairro Lagoinha. Seu sonho é ter notícias da família, o pai, a mãe e os 6 irmãos com quem não tem contato há muito tempo. Lamenta muito a ausência da esposa, sentindo-se solitário por vezes. Reside com o filho e o neto que ajuda a cuidar. Entrevista realizada em 6 de julho de 1997.

<sup>12</sup>. Idem nota 9.

<sup>13</sup>. Idem nota 8.

<sup>14</sup>. Rafael Luís Camargo, 17 anos, natural de Araguari (MG). Parou de estudar na sexta-série do primeiro grau para trabalhar, mas conta que também foi expulso do colégio. É solteiro. Os pais são separados. A mãe trabalha em um hospital como auxiliar de nutrição ou algo parecido. O pai é policial. Um dos irmãos trabalha como marceneiro. Afirma que não gosta de estudar, mas que precisaria voltar à escola no ano seguinte para terminar o primeiro grau, acredita que isso poderá ajudá-lo a conseguir um serviço melhor quando estiver mais velho. Entrevista realizada em 20 de abril de 1997.

<sup>15</sup>. Projetos como o “Acertando o Passo” e “Aceleração” visam propiciar ao aluno a possibilidade de recuperar o tempo e suprir os anos escolar em atraso. Nas escolas estaduais, em Uberlândia, experiências empíricas têm demonstrado que os projetos não conseguem atender à demanda, ainda que exista também muita evasão.

<sup>16</sup>. Wilton José Fernandes Soares, 14 anos, natural de Uberlândia-MG. Estuda na quinta-série do primeiro grau. Começou a catar papel há um ano, quando ao ver os vizinhos trabalhando, se interessou e a mãe comprou uma carroça para ele e o irmão mais velho trabalharem. Recolhem o papel no centro da cidade, mas também andam pelos bairros. Reside com a mãe, os irmãos e o padrasto em casa alugada no bairro Santa Rosa. O pai faleceu quando ele tinha 5 anos. Ainda se lembra dele com saudades. Não sabe o que quer fazer quando for mais velho. Afirma que precisa estudar pois sem isso será mais difícil sobreviver. Entrevista realizada em 16 de maio de 1996.

<sup>17</sup>. José Antônio da Silva, 45 anos, natural de Currais Novos (RN). Saiu de casa aos 15 anos de idade. Viajou por vários estados, Goiás, Mato Grosso, Pará e Minas Gerais. Ao longo de sua vida, trabalhou na roça e também como ajudante na construção civil. Residindo em Araguari, ficou desempregado e começou a coletar sucata na rua. Ao vir para Uberlândia, há mais de 10 anos, estando na mesma situação começou, a catar papel juntamente com outra pessoa que o incentivou e lhe emprestou um carrinho, o Sr. Joaquim. Ainda coletando papel com o carrinho, José Antônio mora com a esposa e 2 filhos de 10 e 11 anos em uma casa de colônia alugada, no bairro Oliveira. A esposa Maria Auxiliadora trabalha como empregada doméstica. Entrevista realizada em 7 de março de 1999.

<sup>18</sup>. Adejanir Luciano, 51 anos, natural do Rio Grande do Norte, casado, possui 8 filhos. Reside com a esposa, alguns filhos e netos em casa própria. Veio para Minas Gerais em 1959. Atualmente, cata papel com dois jovens de 16 e 17 anos, o filho Cristiano e Rafael, um jovem que trabalha para ele. Buscam o papel no centro da cidade utilizando a carroça. Ele acredita que seu trabalho lhe possibilita maior autonomia, mas afirma que quem



ganha mais é aquele que compra o papel e outros materiais. Afirma ainda que com seu trabalho está limpando a cidade, considerando-se um empregado da prefeitura sem remuneração. Algo que o deixa muito triste foi ter perdido a mãe quando ainda era muito novo. Entrevista realizada em 12 de maio de 1996.

<sup>19</sup>. Idem.

<sup>20</sup>. Orlando Luiz Caetano, 60 anos, natural de Nova Ponte (MG), casado. Veio para Uberlândia MG há mais de 20 anos. Ao chegar, foi morar na casa de um irmão, logo sentiu-se constrangido pelo excesso de pessoas na casa. Mudou-se, mas adoeceu e, sem condições de pagar o aluguel, foi morar em uma ocupação no bairro Tibery. Depois de muitas dificuldades pôde adquirir a casa onde hoje reside com a esposa, no bairro Oliveira. Não tiveram filhos. Sente-se frustrado por não ter ainda se aposentado. Afirma que quem é pobre em nosso país não tem valor, sobrevive de teimosia. Entrevista realizada em 31 de agosto de 1996.

<sup>21</sup>. Essa observação foi feita devido ao fato de que, teoricamente, o lixo deva ser coletado pela limpeza pública e levado para o local estabelecido pela prefeitura. Os depósitos existentes, em áreas reservadas pela administração pública, são para o alojamento de entulhos.

<sup>22</sup>. Wilson Pereira de Jesus, 56 anos. Entrevista realizada em 29 de junho de 1997.

<sup>23</sup>. João Batista do Nascimento. Entrevista realizada em 6 de julho de 1997.

<sup>24</sup>. José Moreira da Cunha, depoimento citado.

<sup>25</sup>. Wilson Pereira de Jesus, depoimento citado.

<sup>26</sup>. Antônio Pedro da Conceição, depoimento citado.

<sup>27</sup>. Rafael Camargo, depoimento citado.

<sup>28</sup>. Wilson Pereira de Jesus, depoimento citado.

<sup>29</sup>. José Moreira da Cunha, depoimento citado.

<sup>30</sup>. Monografia 1999, p. 66.

<sup>31</sup>. José Moreira. Depoimento citado.

<sup>32</sup>. Benedito Francisco Queiroz, 75 anos. Entrevista realizada em 27 de abril de 1997.

<sup>33</sup>. Antônio Pedro da Conceição. Depoimento citado.

<sup>34</sup>. Antônio Pedro da Conceição, depoimento citado.

<sup>35</sup>. Wilson Pereira de Jesus, depoimento citado.

<sup>36</sup>. Mas há também aqueles trabalhadores que recorrem à atividade de catar papel quando o preço do quilo de papel está bom. Quando cai o preço do papel, retornam às lojas de materiais de construção.

<sup>37</sup>. Administração Zaire Rezende 1983-1988.

<sup>38</sup>. Os bairros Lagoinha e Leão XII fazem parte de uma mesma área, mas com diferentes denominações no mapa geral da cidade.

<sup>39</sup>. Benedito Francisco Queiroz, 75 anos. Entrevista realizada em 27 de abril de 1997.

<sup>40</sup>. “[...] uma visão consistente tradicional das normas e obrigações sociais, das funções econômicas peculiares a vários grupos na comunidade, as quais consideradas em conjunto, podemos dizer que constituem a economia moral dos pobres. O desrespeito a esses pressupostos morais, tanto quanto a privação real, era o motivo habitual para ação direta”. (THOMPSON, 1998).

<sup>41</sup>. Benedito Francisco Queiroz, depoimento citado.

<sup>42</sup>. Antônio Pedro da Conceição. Entrevista realizada em 17 de janeiro de 1996.

<sup>43</sup>. Antônio Pedro da Conceição, depoimento citado.

<sup>44</sup>. Administração Paulo Ferolla – 1992-1996 e Administração Virgílio Galassi – 1997-2000.

<sup>45</sup>. José Antônio da Silva, depoimento citado.

<sup>46</sup>. Benedito Francisco Queiroz, depoimento citado.

<sup>47</sup>. Idem.

<sup>48</sup>. José Moreira da Cunha, depoimento citado.

<sup>49</sup>. Para dar um exemplo das propagandas elaboradas para divulgar as “benfeitorias” da administração local. No último trimestre, do ano de 1999, os cinemas do Shopping Center, antes da projeção dos filmes, exibiam um documentário de dez ou quinze minutos, com o ator Gianfrancesco Guarneri falando sobre Uberlândia e o seu admirável crescimento econômico com justiça social.

## Referências

ARANTES, Antônio. A Guerra dos lugares, sobre fronteiras simbólicas e liminaridades no espaço urbano. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Cidade**, Rio de Janeiro: IPHAN, n. 23, p. 191-203, 1994.

CRUZ, Heloísa de Faria. **Trabalhadores em serviços**: dominação e resistência, (São Paulo, 1900/1920). São Paulo: Marco Zero, 1991.

\_\_\_\_\_. **São Paulo em papel e tinta**: Periodismo e vida urbana – 1890-1915. São Paulo: Educ; Fapesp; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial, 2000.

FENELON, Déa Ribeiro. O Historiador e a cultura popular. História de Classe ou História do Povo? **História e Perspectiva, História e historiografia**, Uberlândia: UFU, n. 6. jan./jun. 1992.

\_\_\_\_\_. Trabalho, cultura e História social: perspectivas de investigação. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**, São Paulo: Educ., n. 10, 1994.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Cidades**. Publicação do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: Olho d'Água. nov. 1999.

HOGGART, Richard. **As utilizações da cultura**: aspectos da vida da classe trabalhadora com especiais referências a publicações e divertimentos. v. 1. Lisboa: Presença, 1973.

KRANTZ, Frederick. **A outra história**. São Paulo: Zahar, 1979.

LOPES, Rozana Miziara. **Nos rastros dos restos**: As trajetórias do lixo na cidade de São Paulo. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2001.

NEVES, Magda de Almeida. **Trabalho e cidadania**: as trabalhadoras de contagem. Petrópolis: Vozes, 1995.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós Graduated em História e do Departamento de História da PUC-SP**, São Paulo, n. 10, p. 41-59, 1993.

\_\_\_\_\_. O que faz a história oral diferente. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós Graduated em História e do Departamento de História da PUC-SP**, São Paulo: Educ., n. 14, p. 25-39, 1997.

\_\_\_\_\_. A filosofia e os fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro: Relume Dumará, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

\_\_\_\_\_. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

\_\_\_\_\_. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História**, Ética e História Oral, São Paulo, n. 15. p. 13-49, 1997.

SAMUEL Raphael. História local e história oral. **Revista Brasileira de História**, São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v. 9, n. 19, p. 219-243, set. 89/fev. 90.

ROLNIK, Raquel. História urbana: história na cidade? In: FERNANDO, Ana; GOMES, Marco Aurélio de Figueiredo (Orgs.). **Cidade e história**: modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX. 1992. Faculdade de Arquitetura da UFBA/Mestrado em Urbanismo, 1992.

\_\_\_\_\_. **Cada um no seu lugar**. 1981. Dissertação (Mestrado). FAU/USP, São Paulo, 1981.

\_\_\_\_\_. **O que é cidade?** São Paulo: Brasiliense, 3. ed. 1994.

SIMONINI, Gizelda Costa da Silva. **Telefonia**: relação empresa e cidade 1954-1980. 1994. Dissertação (Mestrado) PUC-São Paulo, 1994.

SOARES, Beatriz Ribeiro. **Habitação e produção no espaço em Uberlândia**. 1988. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) USP, São Paulo, 1988.

THOMSON, Alistair. Desconstruindo a memória: questões sobre as relações da história oral e recordação. Projeto História, **Revista do programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**, São Paulo: Educ., n. 15, 1997.

\_\_\_\_\_. Quando a memória é um campo de batalha: envolvimento pessoais e políticos com o passado do Exército Nacional. Projeto História: **Revista do programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**, São Paulo: Educ., n. 16, 1998.

THOMSON, Alistair; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, Marieta Moraes de; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 65-91.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. 3 volumes. Tradução de Denise Bottmann, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

\_\_\_\_\_. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

O TRIÂNGULO, 18 de nov. de 1997, n. 9829, caderno Cidade, p. 7.

## **Abstract**

This text intends to approach some questions concerning the use of the oral sources in the production of the historical research. I propose some inquiries concerning the relationship between memory and conscience in the analysis of the oral narrative, and I try to discuss some meanings of this relationship. The subjects of this research are men, women, children, adolescent and old people that survive collecting materials that will be destined to recycling industry. The investigation about the experiences and life dimensions of the paper collectors in Uberlândia, allowed exploring several possibilities to these workers' culture. A reflection that intended to apprehend the city that is constituted starting from their social practices, their manners of being and living. A city that is revealed through the glances, the speeches, the gestures and, fundamentally, a social memory that expressed the fight that the paper collectors undertake everyday for the survival.

**Keywords:** verbal sources, social memory, urban workers.

